

ANAIS DA 70ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - MACEIÓ, AL - JULHO/2018

RESUMO: SEMIÁRIDO NORDESTINO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Palestrante: **José Vieira Silva – CRAD/UFAL – Campus Arapiraca**

A área de abrangência do Semiárido (SA) Nordeste foi aumentada pela Resolução nº 107, do CONDEL/SUDENE, de 2017, onde este passou a cobrir 1,03 milhão de km², e comportar uma população estimada de 27,2 milhões de pessoas, distribuída em 1.262 municípios de 10 estados da Federação. Este aumento foi feito com base em critérios técnicos do ambiente, mas também visa atender as demandas de acesso a créditos financeiros diferenciados para suplantar as adversidades enfrentadas pela população dos municípios inseridos no SA. Neste novo contexto, a densidade populacional do SA é considerada alta e de aproximadamente 27 hab/km². Este fato em si, torna o Semiárido Brasileiro um dos mais populosos do mundo e altamente vulnerável às consequências da degradação ambiental por ações antrópicas.

Em termos de capacidade de desenvolvimento socioeconômico, a região semiárida apresenta um grande potencial de crescimento em áreas que não dependam diretamente do uso dos recursos hídricos. Por outro lado, ainda é limitada a capacidade para suplantar as consequências da grande pressão antrópica e a forte degradação ambiental resultante sobre as cerca de 140 unidades geoambientais, distribuídas entre Caatinga, Agreste, Carrasco, Seridó, Cariris-Velhos, Curimataú, Serras e Sertão.

Mesmo se tratando de um ambiente com grande diversidade biológica composta por plantas, animais vertebrados e invertebrados, fungos e bactérias distribuídos nos diferentes estratos ambientais, a alta pressão de extração e uso intenso dos recursos ambientais se contrapõe a capacidade e à velocidade de regeneração natural dos mesmos. Este déficit na capacidade de regeneração tem levado à exaustão ambiental e ao surgimento de inúmeros núcleos de desertificação que precisam ser controlados ou contidos com ações mitigadoras urgentes.

Estes núcleos resultam de uma combinação das ações antrópicas recorrentes, aliadas às características climáticas adversas, irregulares ou limitantes do semiárido. Há estimativas de que estes núcleos já representam mais de 5% de toda área do semiárido Nordeste. Como estão distribuídos nas mais diferentes áreas geoambientais do semiárido, os maiores desafios recaem, principalmente, sobre a criação e a adoção de uma política pública que contribua diretamente para superar as causas antrópicas, que resultam na poluição de rios, mananciais e águas subterrâneas, bem como para redução da degradação da vegetação nativa, nascentes e dos solos agricultáveis.

O maior desafio e entrave para melhorar a expectativa de desenvolvimento socioeconômico do SA Nordeste é a superação das questões educacionais no que diz respeito ao analfabetismo, pois os últimos indicadores do IBGE, de 2017, mostram que a taxa de analfabetos absolutos da região é superior a 15%. Vale ressaltar que neste contexto, não

estão inseridos os analfabetos rudimentares e funcionais, que, segundo o Indicador do Alfabetismo Funcional (Inaf) de 2018, esta média do país todo chega a mais de 30%.

Por outro lado, dentre as possibilidades para o desenvolvimento do SA, está à transposição do Rio São Francisco, que é a principal “*artéria hídrica*” no SA Nordeste. Sua transposição é vista por muitos como uma grande oportunidade para sociabilizar e garantir a segurança hídrica (dessedentação humana e animal) e alimentar para boa parte do semiárido, compreendido por aproximadamente 265 municípios e 8,1 milhões de habitantes. Porém, diante de toda expectativa gerada pela transposição, vale ressaltar que, além das limitações e restrições hídricas, somente cerca de 2% dos solos da região semiárida tem potencial técnico (geológico e agrônomo) recomendável para serem irrigados. Isto implica que menos de 70 municípios do SA apresentam características edafoclimáticas e tem infraestrutura e áreas que sejam propícias à implantação de sistemas de irrigação eficientes e sustentáveis do ponto de vista ecológico e econômico.

Ainda no campo das possibilidades, existem estudos das agências nacionais dos setores elétrico (ANEEL) e de recursos hídricos (ANA), envolvidos com a regulação e o desenvolvimento da região, que apontam para o grande potencial de geração de energia elétrica limpa e renovável a partir da matriz solar. A energia solar fotovoltaica, captadas por meio de placas, é a que apresenta maior potencial de geração, com cerca de 9 GW já contratados até o ano de 2017, porém com uma capacidade estimada de produção que poderá chegar a 25 GW, em 2025. Ainda na área de geração de energia elétrica de origem solar, há uma capacidade de geração de 540 MW de energia térmica, por meio de plantas puras (espelhos) e híbridas (espelhos-biomassa).

Estas plantas poderão atuar na geração de frio e calor para aplicações na agropecuária, no aquecimento resfriamento de ambiente, na desinfecção de materiais e produtos, no preparo, secagem e desidratação de alimentos, no processo de dessalinização de água, dentre outros usos. O grande entrave de curto prazo ao desenvolvimento da produção de energia com matriz solar fotovoltaica e térmica está centrado na falta de linhas de transmissão e a baixa renda “*per capita*” dos consumidores da região, onde boa parte é beneficiária dos programas sociais federais ou está inserida na categoria de Tarifa social.

Em termos de SA, a grande diversidade fisiográfica e geoambiental da região gera uma enormidade de cenários e de belezas cênicas e, conseqüentemente, possibilita a exploração do seu potencial turístico, tanto de cunho de lazer, ecológico, de aventura ou mesmo de caráter científico. Além disso, pode-se explorar e fomentar o turismo cultural, gastronômico e religioso, que pode ser fomentado por mais de 250 festas e romarias somente na região do SA.

Ainda no processo de desenvolvimento social, ressalta-se a contribuição e o uso das chamadas tecnologias sociais que visam à conservação e otimização dos usos dos recursos naturais, com ênfase para a água. De forma a minimizar os impactos da supressão vegetal, a vegetação nativa do SA, ou mesmo da Caatinga, apresenta um enorme potencial de uso e fins, podendo ser utilizadas no contexto medicinal, para arborização e mesmo adotado o replantio de áreas degradadas para manejo sustentável.

Em termos futuros, é premente a necessidade de mudanças de Paradigmas e na forma de “*pensar*” dos governantes, gestores e técnicos que elaboram e executam as políticas públicas para o SA. Nordeste, com evidente recomendação de que é preciso conhecer de fato para transformar a realidade. Diante de tudo que já foi vivenciado no último século, é urgente a correção das políticas públicas para o S.A. para levar em consideração suas características e exigências reais, para não cometer os mesmos erros históricos da política baseada na “indústria da seca” voltada para poucos e em benefício dos mais dos ricos. É preciso repensar o modelo de educação, formação e desenvolvimento técnico-científico da população que vive no semiárido Nordeste para que o mesmo contemple a realidade local e os desafios inerentes ao SA. A principal lição que devemos aprender com o próprio SA nordestino é que, para ser bem sucedido nele, você precisa passar por adaptações profundas, mudar a estratégia de ação e não querer mudar o ambiente que é imprevisível a cada instante.